

**EU, EU MESMA E AS CRIANÇAS:  
OS DESAFIOS DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA<sup>1</sup>**

Nélia Mara Rezende Macedo

*A Verdade Dividida*

*A porta da verdade estava aberta  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só conseguia o perfil da meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidem.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia os seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.  
E era preciso optar. Cada um optou  
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade

**N**a ocasião do IV Seminário de Redes do Conhecimento realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em junho de 2007, a professora Sônia Kramer abriu sua fala da mesa-redonda “Estudos da Infância e Juventude” com a leitura do poema “A Verdade Dividida”<sup>2</sup>, dando-me a oportunidade de conhecê-lo e de imediatamente me encantar por ele. Ao final do último verso, onde se lê “miopia”, eu, da platéia, entendi “utopia”. Sala cheia, ventiladores ruidosos, microfones que nem sempre ampliam o

som de maneira a torná-lo inteligível... equívocos na audição seriam comuns em situações como aquela. Mas, para mim, foi um equívoco significativo. Certamente, a mensagem do texto me levou a antecipar as palavras e a ouvir "utopia" – no sentido de sonho. A minha miopia me conduziu à "utopia".

Trago este relato porque não consigo separar pesquisa e utopia, em outras palavras, a atividade de busca da verdade da atividade de sonhar com um futuro qualitativamente diferente do presente. Não faz pesquisa quem não acredita na transformação, quem não se incomoda, não se implica, sobretudo quem não admite a sua miopia e não alimenta a sua utopia. Reconhecer sua própria miopia passa, em primeiro lugar, pelo reconhecimento de sua condição humana e seu permanente estado de inacabamento.

Estranhar a escola e seu dia-a-dia, muitas vezes já contaminado de pessimismo e conformismo. Destituir-se do lugar de quem, supostamente, sabe – a professora – e se permitir ocupar o lugar de quem não sabe – a pesquisadora – requer uma opção. E Drummond nos lembra que cada um opta conforme seu capricho, sua ilusão e sua miopia.

O interesse por temas ligados à infância e sua relação com a produção cultural, a mídia, as músicas e o mercado fonográfico surgiu na/da minha prática cotidiana com turmas de educação infantil. Deixar as crianças cantarem palavrão na escola? Proibir? Fingir que não estava vendo nem ouvindo? *Como lidar com a manifestação de elementos da cultura das crianças sem ser preconceituosa?* Essas perguntas iniciais deram forma ao tema principal da pesquisa.

Ao nascer um tema e um campo de pesquisa, é preciso que nasça também uma pesquisadora. Como se daria o processo de estranhamento e familiarização? Como destituir-se do papel de professora? Como trabalhar entre os limites de ser professora e de estar pesquisadora? Esses conflitos exigiram uma reflexão acerca do processo de estranhamento e familiarização inerente à pesquisa etnográfica e

deixaram claro a necessidade da tomada de consciência do lugar social do pesquisador em relação ao seu outro.

Logo no início de sua análise sobre a pesquisa em ciências humanas sob uma perspectiva bakhtiniana, Marília Amorim (2004, p. 26) destaca a complexidade do trabalho de pesquisa no sentido da estranheza do objeto afirmada enquanto a própria condição de possibilidade dele. A partir desta prerrogativa, a autora atribui à alteridade uma dimensão de estranheza em que o reconhecimento da diferença não é suficiente, mas é necessário, sobretudo, um distanciamento, perplexidade, interrogação, *suspensão da evidência*. Ela prossegue afirmando que a atividade de pesquisa torna-se então uma espécie de exílio deliberado onde a tentativa é de ser hóspede e anfitrião ao mesmo tempo, pois o pesquisador acolhe e é acolhido pelo estranho, pelo outro.

A ambigüidade da idéia da hospitalidade permeou a construção do meu lugar de pesquisadora na escola. Assim, ao mesmo tempo que me sentia "dona da casa", isto é, familiarizada com o espaço, a rotina e as pessoas, a permissão para a realização da pesquisa significava a abertura de suas portas e janelas pelas quais eu deveria olhar, escutar, estranhar, traduzir e transmitir. O tênue limite entre o estranho e o familiar foi fundador de situações que somente esse caminho poderia possibilitar.

Pesquisadora e professora. Duas atividades próximas, que em certa medida se complementam. Acredito que todo professor é um pesquisador das suas crianças, da sua prática, da sua escola. Todo pesquisador em âmbito escolar assume um pouco o papel de professor, mesmo sem querer, nem que seja por representar o adulto na relação com a criança. Professores e pesquisadores: colecionadores que optam conforme a sua miopia. Ou utopia...

## **REFERÊNCIAS:**

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. 1ª ed. São Paulo: Musa, 2004.

### **sobre o(a) autor(a):**

Pedagoga e mestre em educação pela UERJ. Professora do colégio Pedro II.

---

<sup>1</sup> Este texto é um fragmento da Dissertação de Mestrado "O que as crianças cantam na escola?" Um estudo sobre Infância, Música e Cultura de Massa, disponível integralmente em [www.proped.pro.br](http://www.proped.pro.br)

<sup>2</sup> De acordo com o site [www.algumapoesia.com.br](http://www.algumapoesia.com.br), este poema sofreu ligeiras alterações entre a primeira publicação, que apareceu inicialmente no livro "Corpo", de 1984, sob o título "Verdade", e a segunda publicação, no ano seguinte, em "Contos Plausíveis", de onde foi extraída a versão aqui apresentada.